

*se segredo de dele de  
língua verde!*  
gaard chamou "papagaio verde de bico vermelho". Para ele, isso era paganismo.

GRIFFITHS: — Sim. Penso que devemos interpretar os textos orientais, como os *Upanishads*, com muita cautela, pois freqüentemente empregam uma linguagem do tipo "o mundo é *brâman*", que cheira a panteísmo, para depois corrigir a afirmação dizendo que "*brâman* não é isto". Portanto, o mais das vezes, trata-se de um problema de linguagem: se você tomar expressões panteísticas e atribuir-lhes valor metafísico, poderá fazer uma interpretação errônea. Devemos sempre interpretá-las à luz de outras expressões. Não creio que o hinduísmo seja panteístico.

WEBER: — Não?

GRIFFITHS: — Não.

WEBER: — E o budismo?

GRIFFITHS: — Também não.

WEBER: — O budismo não possui um Deus no sentido que lhe damos.

GRIFFITHS: — Isso levanta uma questão das mais interessantes. Usamos a palavra "Deus" e pensamos que ela possui uma significação definida; na verdade, porém, a palavra "Deus" reveste-se de uma infinidade de significações, nenhuma delas adequada. Uma palavra assim aponta para algo que está além das palavras e das coisas. Por isso, Buda evitou dar nomes a Deus, porque, a partir da nomeação, cria-se um ídolo e passa-se a idolatrar o conceito.

WEBER: — O senhor limitou a significação. Ao dizer "Deus", empresta à palavra sua própria e cuidadosa significação pessoal. Não a significação convencional.

GRIFFITHS: — Santo Tomás de Aquino disse explicitamente que Deus não pode ser nomeado. O nome que mais se aproximaria dele é "Ser". Lembra o *Katha Upanishad*, que reza: "Como posso falar Dele a não ser dizendo que Ele é?" Por isso, Santo Tomás diz que Deus não pode ser definido. Dionísio escreveu todo um tratado sobre os nomes divinos para depois concluir que precisamos ultrapassar todos os nomes e mergulhar na escuridão, a fim de apreender Deus. Mas é claro que Eckhart faz a distinção entre Deus e Divindade, o que talvez esclareça o problema.

WEBER: — Quando ele diz: "Não há nada em todo o universo que seja tão semelhante a Deus como o silêncio", está deduzindo que as palavras deturpam, mas que no

silêncio nada sobressai. O senhor não adota nenhum ponto de vista, nenhuma palavra que quebre a unidade.

GRIFFITHS: — Sim, temos novamente a ordem implícita de Bohm, que reconduz ao Um. Devemos viver em dois mundos: por um lado, num mundo de multiplicidade, relacionando-nos com pessoas e coisas; por outro, a todo instante ultrapassando este mesmo mundo e reconhecendo que o Um está numa pessoa, numa coisa, em nossos atos.

WEBER: — Se integrássemos essas dimensões, traríamos o sagrado para o âmbito de nossa vida diária e nos trataríamos de modo diferente.

GRIFFITHS: — Essa é a questão. A integração muda a nossa atitude.

WEBER: — Como aprender a agir assim?

GRIFFITHS: — O segredo é a meditação. Depois que experimentamos essa realidade dentro de nós, ela passa a imantar tudo o mais.

WEBER: — Não há o risco de a meditação se transformar em auto-exaltação ou em algo que vai alimentar o ego?

GRIFFITHS: — Há, e é um risco muito grande: buscar uma experiência de Deus pode significar buscar seu reflexo em nós — em nossos sentimentos ou pensamentos. Pense então que encontramos Deus, mas Deus foge de nós. Temos sempre de ultrapassar a nós mesmos o tempo todo. Eis por que muitas pessoas de vida útil, desinteressadas e dedicadas, provavelmente experimentam Deus em profundidade, sem saber disso e sem procurar tal experiência. Muita gente tem esses vislumbres.

WEBER: — São características dessa experiência um senso de unidade com os outros e a compaixão para com eles?

GRIFFITHS: — Sim. O senso pleno é, obviamente, o da unidade total. Karl Rahner, o grande teólogo alemão, a quem admiro mais que ninguém, disse certa vez que, se amarmos uma pessoa plenamente e sem egoísmo, nela encontraremos Deus. Rahner possuía uma verdadeira intuição mística por trás de sua teologia, o que tem para mim valor inestimável.

WEBER: — Há toda uma escola de místicos e meditadores que acha que a teologia mata, esmaga a experiência mística. Para o senhor, isso não ocorre necessariamente.

GRIFFITHS: — Não. Santo Tomás de Aquino escreveu aquela racional e terrivelmente lógica *Summa theologiae* para, ao fim da vida, declarar: "Tudo o que escrevi me parece vazio em comparação com o que vi". Ora, seus seguidos